

# Escombros, dioxina e silêncio: o rastro ambiental das guerras imperialistas

Oscar Valadares\*

O artigo trata a dimensão ecológica do imperialismo, especificamente a pegada ambiental das guerras imperialistas dos Estados Unidos nas suas dimensões de dependência fóssil, guerra química e destruição das bases ambientais para a vida, como análise muitas vezes secundarizada no âmbito do ativismo antiimperialista.



Franxa de Gaza, Palestina · Save Palestine

As guerras matam — todo o mundo sabe. A morte é, junto com a destruição geral, o subproduto principal daquilo que o general prussiano Clausewitz cinicamente denominou a «continuação da política por outros meios». O que não é assim tão sabido é que as guerras têm a capacidade de matar e destruir mesmo muito depois de terem oficialmente terminado. Em 2012, uma equipa internacional de investigadores mostrou que a população de Faluja, no Iraque, apresentava a maior taxa de dano genético alguma vez estudada em qualquer comunidade humana (Busby et al., 2012). Oito anos antes, os Estados Unidos deixaram de presente perto de 181.000 munições com urânio empobrecido. Um quarto de século depois, continuam a nascer crianças com malformações que a medicina ainda não terminou de catalogar. No entanto, nada disso aparece nos relatórios oficiais entregues à Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas. E este não é um silêncio casual, claro.

A primeira dimensão a considerar é a pegada de carbono militar. Quando o Protocolo de Quioto foi discutido, em finais da década de 1990, a delegação norte-americana (que afinal nunca ratificou o acordo) conseguiu impôr uma exceção: as emissões militares ficavam à margem das contas. No Acordo de Paris, em 2015, abriu-se mão a que cada Estado decida se reporta ou não as emissões dos seus exércitos — e a esmagadora maioria

nom o faz, claro. O silêncio é a norma. O Departamento de Defesa dos EUA mesmo oculta ao próprio Congresso dados desagregados sobre, por exemplo, quanto combustível gasta por ano. Quase todo o que hoje sabemos sobre a pegada climática do Pentágono vem do Costs of War Project (CoWP), da Universidade de Brown, que extrapola a partir de registos do Departamento de Energia e de compras a granel (Crawford, 2019). E não é que outros departamentos de guerra do mundo não devam chamar também a nossa atenção. É que, em termos ambientais, os Estados Unidos se movem em ordens de magnitude não equiparáveis ao resto do planeta.

*“A pegada de carbono militar, a guerra química, a destruição de infraestruturas ecológicas e a herança tóxica do pós-guerra revelam que a guerra é também um problema ambiental de primeira ordem”*

Os números, mesmo aproximados, são gritantes. De acordo com o CoWP, entre 2001 e 2018, o exército americano emitiu 1.267 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> equi-



Mar de Lumes denuncia ante os medios os intentos de intimidar e criminalizar a solidariedade coa Palestina · Mar de Lumes

valente. Cerca de 440 millóns resultaram directamente das guerras pós-11S do Iraque, Afganistán, Líbia, Paquistán e Siria. Só en 2017, as emisións militares norte-americanas — 59 millóns de toneladas — ultrapásaron as de toda a Suecia ou toda a Suíza (3 veces as de toda a Galiza). E isto para nom falarmos do seu envolvimento en Gaza. Estudos de 2026 na revista *One Earth* elevan a estimativa total para máis de 30 millóns de toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente, contando a construción militar prévia, o combate e a reconstrución por vir (Neimark et al., 2026). A contribución directa dos EUA está aí: só nos tres primeiros meses, 200 voos de carga militar para entregar 10.000 toneladas de equipamento bélico ao exército sionista queimáron 50 millóns de litros de combustible. Só esses 200 voos emitiran máis do que todo Cabo Verde (ou unha cidade como Ferrol) num ano. O Pentágono é o maior consumidor institucional de petróleo do mundo e o maior emisor institucional de gases con efecto de estufa do planeta: máis do que cualquier multinacional, máis do que decenas de Estados xuntos.

*“Os números, mesmo aproximados, som gritantes: entre 2001 e 2018, o exército americano emitiu 1.267 millóns de toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente”*

Por isso, as guerras imperialistas dos Estados Unidos nom poden ser avaliadas apenas en termos estritamente bélicos ou geopolíticos. Porque teñen tamén un custo ambiental profundo, prolongado e frecuentemente irreversible. E porque ese impacto ecolóxico nom é un accidente nem resulta apenas dos combates, mas unha consecuencia estrutural da forma como o poder militar norte-americano é projetado: bases militares espalladas polo mundo, cadeas logísticas intensivas en enerxía, transportes intercontinentais, bombardeos en larga escala, ocupacións prolongadas, todo sustentado por combustíveis fósseis. Se o imperialismo é primeira-

mente unha relación de dominación política, tamén é unha relación perversa de extração-destrución-reconstrución altamente dependente do carbono.

A segunda dimensión é a da guerra química. Antes mesmo de existir unha expresión como «pegada de carbono», já as guerras dos EUA destruían ecosistemas inteiros como táctica deliberada. Entre 1961 e 1971, avións dos Estados Unidos pulverizaram cerca de 74 millóns de litros de desfolhantes sobre o Vietnam do Sul, Laos e Camboja para retirar cobertura aos guerrilleiros vietcongues e destruír colheitas. Máis de metade era Agente Laranja con dioxina TCDD, unha das substancias máis tóxicas coñecidas. O resultado foi a desfoliación de 3,1 millóns de hectares de floresta tropical e mangal —un ecocídio do tamaño de Portugal. Máis de cincuenta anos despois, puntos críticos xunto a antigas bases aéreas aínda presentan concentracións de dioxina mil veces acima do límite seguro. Á desflorestación masiva e perda de habitats há que somar erosión dos solos e contaminación química que afecta mesmo xeracións que nunca participáron na guerra, mas que herdáron os seus residuos.

A terceira dimensión é respecto à destrución das bases materiais da vida. En conflitos como os do Iraque e do Golfo, a guerra atingiu de forma directa infraestrutura enerxética e hídrica. En Qayyarah, no norte do Iraque, incendios en poços petrolíferos, depósitos e refinarias deixaram plumas de fumo que cobriron cerca de 256 km<sup>2</sup> durante semanas con substancias perigosas: benceno, hidrocarbonetos aromáticos policíclicos, dioxinas, óxidos de azoto e partículas finas —todas asociadas a riscos respiratórios e a contaminación de solos e augas. En paralelo, durante quinze anos, as bases americanas operaram outros incendios «controlados» en burn pits: fosas a céu aberto onde ardan, con querosene, plásticos, baterías, equipamento médico e munições desbotadas. As nubes negras envenenaram en igual medida tropas americanas que hoje litigan contra o Pentágono e civís locais que nem sequer teñen esa posibilidade. A mortalidade infantil en Faluja chegou a 13,6% en 2009-2010, comparável a zonas atingidas polo desastre de Chernobyl. Além da saúde, a guerra tamén corrói lentamente a capacidade de os territorios sustentarem a vida. E que muda a lóxica

de uso de recursos: quando faltam alternativas, as populações afectadas som forçadas a recorrer a estratégias de sobrevivência insustentáveis, como a exploración intensiva de solos frágeis. A devastación ecológica torna-se assi parte da economía pós-bélica.

A persistência destas dimensoms laterais (por comparación à dimensom frontal que é a morte crua e a destruição bruta dos combates) mostra que o impacto ambiental da guerra é cumulativo. Ao terminar, o território conserva tóxicos que condicionam a agricultura, a água, a saúde e a reconstrução social. E, deste modo, já nom é que a guerra imperialista constitua umha interrupção da normalidade — mesmo da normalidade avesa da globalización capitalista— senom também umha forma de producir normalidades degradadas.

*“A mortalidade infantil em Faluja, no Iraque, chegou a 13,6% em 2009-2010, comparável a zonas atingidas polo desastre de Chernobyl”*

Por último, há umha circularidade que convém sublinhar. Grande parte da presença militar permanente dos EUA no Golfo Pérsico, Mediterráneo Oriental, ou Mar do Sul da China é justificada, em última análise, polo controllo de rotas e fontes energéticas. E para isso consome quantidades colossais desses mesmos combustíveis. O estudo de referência sobre as emissons do Pentágono (Crawford, 2022) sintetiza-o como um ciclo de longo prazo: a militarização protege o fósil, e o fósil alimenta a militarização. A retórica emergente da «segurança climática» tenderá a justificar mais militarização — nom menos.

Concluir que as guerras dos Estados Unidos tenhem um custo ambiental estrutural nom significa reducir o conflito à ecologia. Significa reconhecer que o imperialismo opera também sobre sistemas naturais e que esses sistemas som indispensáveis à reprodução da vida social. A pegada de carbono militar, a guerra química, a destruição de infraestruturas ecológicas e a herança tóxica do pós-guerra revelam que a guerra é também um problema ambiental de primeira ordem. Falar de imperialismo, neste caso, implica também falar de clima, biodiversidade, água, solo, saúde pública e justiça ambiental, porque a verdadeira medida de umha guerra nom está apenas no número de mortos ou no mapa político que deixa, mas também na extensom da ruína ecológica que produz. Portanto, se quiger ser séria, a justiça climática terá de ser também anti-imperialista. O contrário é continuar a fingir que o exército mais poluente da história simplesmente nom existe — e que os solos de Faluja, o delta do Mekong e os escombros de Gaza som lugares contaminados casualmente. Umha cousa que passou.

#### Bibliografía

Busby, Christopher; Alaani, Samira; Busby, E. Metal contamination and the epidemic of congenital birth defects in Fallujah, Iraq. *Journal of Environmental and Analytical Toxicology*, v. 2, n. 3, p. 1-16, 2012.

Crawford, Neta C. Pentagon Fuel Use, Climate Change, and the Costs of War. Watson IIPA, Brown University, 2019. Disponível em: <https://costsofwar.watson.brown.edu/paper/pentagon-fuel-use-climate-change-and-costs-war> ◀. Acesso em: 28 abr. 2026.

Neimark, Benjamin; Otu-Larbi, Frederick, et al. Israel-Gaza conflict carbon emissions exceeded 30 million tons. *One Earth*, 2026; 9

**\*Oscar Valadares. Activista internacionalista e portavoz nacional de Mar de Lumes - Comité Galego de Solidariedade Internacionalista.**



Un neno observa os restos dun barrio destruído en Gaza · Hosny salah